



# **CLAUSURA**

## **antologia poética**

escolhas de Ruy Ventura

2020

RAIZ DE PÁSSARO  
(por Valter Hugo Mãe)

junto-me às velhas  
que resmungam o terço

também eu tenho  
uma meta  
física  
chegar ao corpo de deus

e se o cutelo do poema haverá de  
encerrar-me aqui o poejo  
à mesa no espaço da  
tarde um clarão  
perdura lá fora

até que deus venha  
ressuscitando os mortos  
por uma bagatela

e o frio tenha mandíbulas  
afiadas magoando desencantando-me  
as serpentes

nas árvores  
de passagem  
o dia  
abrandando o pé

tudo se lentifica solenemente e  
tão a medo

sou apenas um poeta  
ignoro também as coisas todas  
por mais magia que exista em  
dizer que posso falar do mar  
por incêndio de água e até erguê-lo em  
chamas numa só palavra isso  
será apenas um

efeito secundário da boca

como coleccionar o inferno um  
poema mais difícil de conseguir

se olhar o céu é modo de  
não pesar tarde inteira tenho  
no vento pé raiz de pássaro  
muito lento alto sobrevivendo à  
chuva como a voar

resmungando resmungando  
o terço é sangue do verbo ah deus meu  
não me caleis resmungai comigo  
este verso saboreai o poejo antes  
de reclamares a posse do mundo e  
de ser tão definitiva a nossa perdição e  
absoluta inutilidade

tenho os olhos magros só o  
que digo é tamanho e o pensamento  
é o tamanho do mundo o tamanho das  
coisas pensai comigo como  
sangue deste verbo

escrevo nos olhos de dante e  
o que vejo é o poema no fim do arco-íris  
para onde sigo culpado com um anjo  
que me fica bem às costas e mais do que  
isso só faço olhar o céu modo de  
não pesar e acreditar que um dia  
ficarei calado tendo descoberto uma  
só palavra que seja de facto um  
recipiente do teu perdão

[in "publicação da imortalidade", 2018]

[AMOR]  
(por Frei Agostinho da Cruz)

Meu Deos, que cousa pode ser tão forte,  
Que género de morte, que tormento,  
Que dor, que sentimento, que tristeza,  
Que pena, ou que aspereza em toda a vida,  
Que numa alma ferida de verdade  
Da vossa saudade, causa espanto?  
Que não digo, por quanto nisso alcança;  
Pois numa só lembrança, inda que breve,  
A muito mais se atreve, mais deseja;  
Mas porque se despeja tanto mais  
No muito que lhe dais do vosso muito,  
Que contemplando o fruto, do que espera  
Na doce primavera colhe flores  
De tão diversas cores tão fermosas.  
Que lírios, e que rosas de contino  
Semêa amor divino nesta serra,  
Onde tanto se encerra, e se derrama!  
Amor acende, inflama, amor tem tudo  
Seta, lança, escudo; dá vida, e mata,  
Cativa, desbarata, solta, e prende.  
Amor livra, e defende, planta, e rega;  
Amor freta, e navega, amor segura;  
Amor cria brandura na dureza,  
E converte a tristeza em alegria;  
A noite escura em dia fresco, e claro.  
Amor é meu amparo, e meu descanso;  
Amor é brando, e manso, piedoso,  
Suave, e saudoso, doce, e puro  
Forte, firme, e seguro, verdadeiro.  
Amor pôs num madeiro meu Senhor,  
Trespasado de dor, aberto o lado;  
De mãos e pés pregado: ai! e quão tarde  
Senti de amor, que amor por amor arde!

(excerto da écloga "Flávio e Míncio. No ano do noviciado")

O APROVEITAMENTO DA MATÉRIA  
(por Adélia Prado)

Só quem olha sem asco as próprias fezes,  
só este é rei.  
Só ele pode ordenar-te:  
não maltrates borboletas.  
A humilhação quebra a espinha  
de quem vai ao trono sem saber de si.  
Agostinho, o santo, já disse:  
Vim de um oco sangrento,  
é entre fezes e urina  
que nasci.

(in "A Duração do Dia")

[QUERO EM MIM A IRA]  
(por Thomas Bernhard)

Quero em mim a ira,  
quero esquecer tudo,  
quero esquecer a boca dos peixes,  
porque a boca dos peixes é sombria.  
Quero rezar a minha luta,  
a grande luta pela minha alma.  
Porque eu sou pobre.  
De noite sou pobre de pedir.  
Todos me esqueceram,  
mas eu vejo a mesa  
e o vinho que hei-de beber.  
É o vinho de Deus,  
o vinho negro para o meu cérebro vermelho,  
que hei-de beber durante a noite,  
a noite que queima os meus pés,  
que soterra o meu país e os mares,  
a noite dos defraudados,  
a noite das macieiras candentes,  
a noite das fontes,  
a noite dos cantores de feira,  
a noite que esmaga as minhas cabeças de serpente,  
a noite dos falhados,  
a noite dos peixes.  
Hei-de bebê-lo.  
Quero bebê-lo com ira  
na noite da minha extrema pobreza.

(primeiro dos "Nove salmos", in "Na Terra e no Inferno", trad. José A. Palma Caetano)

EXÍLIO  
(por Marta López Vilar]

Quando chegou o meu exílio, tu já tinhas morrido. Há alguns anos. Fitei o lugar, a sua linguagem esquecida, tudo o que perante mim se oferecia. Não tive nem um pouco de água para entregar à tua lembrança. Mas havia memória, pastagens extensas tuas, dias novos onde recriar-te. E assim fiz: imaginei o teu sangue nos caminhos. Outra vez o teu sangue. Eras o deus que jazia no olhar dos cervos.

(in "El Gran Bosque", trad. Ruy Ventura)

[SOMBRA]  
(por António Dacosta)

SOMBRA da minha sombra  
De mim tem pena  
Tem pena das três rosas  
Que são o meu jardim

Deixa-me ali naquele caminho  
Lá no cimo a luz estremece  
No arvoredado de altos álamos

Sombra da minha sombra  
Retira essa tua mão

E vós altas mulheres de amor e luto  
Onde quer que vos encontreis  
Vinde todos até mim  
Celebrando um coro de louvores  
Ao sol de mais um dia

(in "A Cal dos Muros")



[A VERDADE É UM DOM SILENCIOSO]  
(por Carlos Poças Falcão)

A verdade é um dom silencioso  
move-se ou repousa em regiões não devassadas.  
Dá-se a ver por vezes em esfinge  
ou nessa liberdade que se ajusta bem ao corpo  
abotoando a alma mas deixando solto o espírito  
– para não travar o voo  
para não negar encontro  
para cumprir-se todo no instante de viver.

(in "Sombra Silêncio")

[SALVA-ME]  
(por Fernando Eduardo Carita)

Salva-me  
de árvores com pássaros arrancados pela raiz;

salva-me  
de uma casa prévia ao pó dos caminhos;

salva-me  
de uma chave precocemente envelhecida;

salva-me  
de um poema cioso da redundância do real;

salva-me  
de não morrer o suficiente até ao fim.

(in "Estância & Deixamento")

[DESPERTO E SINTO]  
(por Gerald Manley Hopkins)

Desperto e sinto cair sobre mim as trevas, não o dia.  
Que horas, Ó que horas mais tenebrosas passamos  
Esta noite! Que visões tu, coração, tiveste; que veredas percorreste!  
E mais ainda deves ter de percorrer até ao despertar do dia.  
Eu, que testemunha disto sou, digo-o. Mas quando digo  
Horas quero dizer anos, vida. E meu lamento  
É feito de incontáveis prantos, de prantos quais cartas sem vida enviadas  
Para aquele que mais querido vive, aí de mim! Bem longe.

Sou fel, sou azia. O mais profundo e amargado decreto de  
Deus saboreei; meu sabor era eu;  
Ossos erguidos em mim, carne preenchida, sangue enchendo a maldição.  
Eu, fermento do espírito em amargas horas de tédio. Sei  
Que os que se perderam assim são, e que seus flagelos  
Como os meus são, eles mesmo penando; mas pior.

(Um dos "Sonetos da Desolação", trad. Mário Avelar.)

EM BUSCA...  
(por José Duro)

Ponho os olhos em mim, como se olhasse um estranho,  
E choro de me ver tão outro, tão mudado...  
Sem desvendar a causa, o íntimo cuidado  
Que sofro de meu mal – o mal de que provenho.

Já não sou aquele Eu do tempo que é passado,  
Pastor das ilusões perdi o meu rebanho,  
Não sei do meu amor, saúde não na tenho,  
E a vida sem saúde é um sofrer dobrado.

A minha alma rasgou-ma o trágico Desgosto  
Nas silvas do Abandono, à hora do sol posto,  
Quando o Azul começa a diluir-se em astros...

E à beira dum caminho, até lá muito longe,  
Como um mendigo só, como um sombrio monge,  
Anda o meu coração em busca dos seus rastros...

(in "Fel")

SONETO  
(por D. Manuel de Portugal)

Apetece minh' alma, a fonte viva,  
No estio de amor, em sesta ardente,  
Sequiosa, se lança a grã corrente,  
Da fermosura, que de vós deriva.  
Cuidando de amansar a sede estiva,  
Quanto mais d' amor bebe, é mais veemente,  
Nunca se acabará este acidente,  
Que arde amor, na minha alma, em cousa viva.  
Não resiste ao ardor, nem se consume,  
Por que ela é imortal, ele benigno,  
Nele deleita a dor, dá gosto a pena.  
Se imagina passar raio divino,  
Desseja a alma abrasar-se no seu lume,  
Tal é do que em si esconde, o bem que acena.

(in "Obras")

VIGÍLIA  
(por Cecília Meireles)

Como o companheiro é morto,  
todos juntos morreremos  
um pouco.

O valor de nossas lágrimas  
sobre quem perdeu a vida  
não é nada.

Amá-lo, nesta tristeza,  
é suspiro numa selva  
imensa.

Por fidelidade recta  
ao companheiro perdido,  
que nos resta?

Deixar-nos morrer um pouco  
por aquele que hoje vemos  
todo morto.

(in "Retrato Natural")

CÉU, TERRA, ETERNIDADE  
(por Sophia de Mello Breyner Andresen)

Céu, terra, eternidade das paisagens,  
Indiferentes ante o rumor leve,  
Que nós sempre lhes somos. Vento breve,  
Heróis e deuses, trágicas passagens,  
Cuja tragédia mesma nada inscreve  
Na perfeição completa das imagens.

Todo o nosso tumulto é menos forte  
Do que o eterno perfil de uma montanha.  
Cala-se a terra ao nosso amor estranha  
– Talvez um dia embale a nossa morte.

(in "Poesia I")

TENEBRAE  
(por Paul Celan)

Perto estamos, Senhor,  
perto e tangíveis.

Tocados já, Senhor,  
agarrados uns nos outros, como se  
o corpo de cada um de nós  
teu corpo fosse, Senhor.

Ora, Senhor,  
ora para nós,  
estamos perto.

Fustigados pelo vento lá íamos,  
lá íamos, para nos curvamos  
para a cova e lagoa.

Para o bebedouro íamos, Senhor.

Era sangue, era  
o que verteste, Senhor.

Reluzia.

Lançava-nos aos olhos tua imagem, Senhor.  
Olhos e boca estão tão abertos e vazios, Senhor.  
Bebemos, Senhor.  
O sangue e a imagem que no sangue estava, Senhor.

Ora, Senhor.  
Estamos perto.

(in "Grades da Linguagem", trad. Gilda Lopes Encarnação)



ORAÇÃO DA MANHÃ  
(por José Régio)

Feliz ou infeliz, que eu me não queixe,  
Senhor! se uma vez mais a vida principia;  
E, quer te esqueça, ou não, durante o dia,  
Tua presença me não deixe.

Tua presença entorne claridade  
No íntimo do quer que me apareça opaco,  
E alongue pela sombra o que, restrito e fraco,  
Reduza eu à minha exiguidade.

Assim não possa já caluniar aquilo  
Que não entenda, ou por de mais julgue entender.  
Assim, nos meus irmãos, não fira o próprio Ser,  
E possa, ao vir a noite, adormecer tranquilo.

(do "Cancioneiro de João Bensaúde", in "Filho do Homem")

[NÃO FUGIR]  
(por Cristovam Pavia)

ao Nuno

Não fugir. Suster o peso da hora  
Sem palavras minhas e sem os sonhos,  
Fáceis, e sem as outras falsidades.  
Numa espécie de morte mais terrível  
Ser de mim todo despojado, ser  
Abandonado aos pés como um vestido.  
Sem pressa atravessar a asfixia.  
Não vergar. Suster o peso da hora  
Até soltar sua canção intacta.

(in "35 Poemas")

ELEGIA  
(por Sebastião da Gama)

Nada chegou a ser, de tão efêmero,  
instante fugidio em que não houve  
senão inexistência povoada  
de presenças corpóreas e tangíveis...  
Tão breve foi, tão débil o instante,  
que não deixei ainda de senti-lo.  
Que é das visões que vinham preenchê-lo?  
Vazio de tudo o sinto, nu, ausente  
das visões que lhe davam realidade...

(in "Cabo da Boa Esperança")

[CAMINHO]  
(por Camilo Pessanha)

Fez-nos bem, muito bem, esta demora:  
Enrijou a coragem fatigada...  
Eis os nossos bordões da caminhada,  
Vai já rompendo o sol: vamos embora.

Este vinho, mais virgem do que a aurora,  
Tão virgem não o temos na jornada...  
Enchamos as cabaças: pela estrada,  
Daqui inda este néctar avigora!...

Cada um por seu lado!... Eu vou sozinho,  
Eu quero arrostar só todo o caminho,  
Eu posso resistir à grande calma!...

Deixai-me chorar mais e beber mais,  
Perseguir doidamente os meus ideais,  
E ter fé e sonhar – encher a alma.

(in "Outros Poemas")

[É BAIXO O CÉU]  
(por Emily Dickinson)

É baixo o Céu – as Nuvens carregadas.  
Esse Floco de Neve que ali passa  
E que atravessa um Sulco ou um Celeiro  
Pensa se há-de partir –

Um Vento Sinuoso se lastima  
De como foi tratado  
Às vezes, como Nós, a Natureza  
É apanhada sem o seu Diadema.

(in "Duzentos Poemas", trad. Ana Luísa Amaral)

HUMANIDADE  
(por Jorge de Sena)

Na tarde calma e fria que circula  
por entre os eucaliptos e a distância,  
olhando as nuvens quase nada rubras  
e a névoa consentida pelos montes,  
névoa não subindo por não ser  
fumo da vida que trabalha e teima,  
e olhando uma verdura fugitiva  
que a noite no céu queima tão depressa,  
esqueço-me que há gente em cada parte,  
gente que, de sempre, sofre e morre,  
e agora morre mais ou sofre mais,  
esqueço-me que a esperança abandonada,  
a não ser de ninguém, é sempre minha,  
esqueço-me que os homens a renovam,  
que o fumo dos seus lares sobre nos ares...  
Esqueço-me de ouvir cheirar a Terra,  
esqueço-me que vivo... E anoitece.

Tancos, 7/11/43

(in "Coroa da Terra")

GAJO PORREIRO  
(por Carlos Garcia de Castro)

Não me convinha, se morresse agora.

– Quem é que havia de levar o carro  
para transportar para casa as nossas compras?

A dor chorada é sempre precisada,  
nós não choramos só por nossa conta,  
mas é por nossa conta que choramos.

– Quem é que havia de levar o carro  
para transportar para casa as nossas compras?

Não me convinha, se morresse agora.

Faz sempre falta quem não faz mais nada  
das frágeis miudezas e chatices,  
pequenas nicas úteis dispensáveis  
que ao dia-a-dia dão sustentação.  
Faz sempre falta alguém assim em casa  
que pouco faz mas sempre vai fazendo,  
como num Quadro o seu caixilho à volta,  
tão supletivo, secundário, inútil,  
que o Quadro faz mais vista se o tiver.

As casas, nos seus móveis, corredores,  
nos seus lugares à mesa, ajuntamentos,  
arrumações, cuidados, diligências  
que até numa toalha dão sinal  
de bem dobrada para não dar trabalho,  
trazem indícios do morrer de alguém  
que de manhã ligava o esquentador,  
nunca esquecia as chaves, e à noitinha  
baixava as persianas das janelas.  
Alguém assim faz falta quando morre,  
porque não pode já deixar recados,  
não vai de companhia fazer compras,  
não vai levar nem já buscar amigos...

e agora! que fazer àquele carro?  
quem vai agora já escolher os vinhos?  
quem é que tem mais ditos para as visitas?  
e o IRS, as contas pagamentos?  
quem vai à Caixa levantar dinheiro?  
– tudo tão simples, de ansiedade e fluido,  
mulher e filhos também são tarefas  
de ir ao vidrão e lá deitar garrafas...  
fazer rascunhos e escrever à máquina  
deitar lá fora o lixo, ir aos Correios.  
Alguém do nada, só morrer faz falta.  
A dor chorada é sempre precisada.  
Ninguém faz nada, é sempre alguma coisa,  
porque ao morrer, essencial canseira,  
figura que já foi destes cuidados  
persiste como um quadro de pintura  
ali deixado sem o seu caixilho.

Uma existência vale mais que as artes  
mesmo que o quadro fique sem caixilho...

Para o mesmo quadro façam mais molduras,  
interessa mais o quadro que o caixilho...

mas não se esqueçam de levar o carro,  
e é já para o ano, ao posto de Inspeção.

Alguém será capaz de o conduzir.

(in "Fora de Portas")



O INSTINTO E O EREMITA  
(por José María Cumbreño)

O instinto saiu na forma de uma serpente ao encontro do eremita.  
Ao vê-la, o ancião, que conhecia a natureza humana, não quis matá-la.  
Preferiu adormecê-la com um encantamento e levá-la consigo enroscada  
ao seu cajado.  
Porque o caminho é muito longo.  
E nunca se sabe.

(in "Teorias da Ordem", trad. Ruy Ventura)

MEU PAÍS  
(por Matilde Rosa Araújo)

Meu país turístico de doce clima tão frio  
De negras neves a cair os montes  
E os prados cansados  
Tenho uma capa de degredo larvas de água triste  
Nos cabelos húmidos  
E pés descalços pelos sapatos do engano  
Meu país de água com o mar à beira  
Meteste-me no fogo do ventre um coração parado  
Pelas águas geladas de poluídos rios e gastos mares  
E sou (fui) a emigrada presente que nem parte nem partiu  
Não partirá  
Arbusto mal plantado no suicídio do vento  
Cobrindo o rosto com as folhas das mãos

(in "Voz Nua")

MATÉRIA RESERVADA  
(por José do Carmo Francisco)

para o Nicolau Saião

Sombras até onde se deixa de ver, pesos herdados duma dor antiga, vozes leves que estão por decifrar, enfim tudo aquilo que, ano após ano, se acumula numa mesa à espera do adequado tratamento sentimental.

Os mais agudos esforços para não enlouquecer, as dúvidas mais dolorosas sobre o que há vinte anos era verdade reconhecida como tal, os fantasmas mais particulares, aquilo que se transporta com a gordura, a miopia, o quotidiano esforço para ganhar (ou perder) o pão e a vida.

Não há nem pode haver ministérios que disso tratem. Nem sequer ao menos haverá quem possa bem classificar. E se houvesse pasta, direcção geral ou gabinete que dela tratassem um só autocolante ou carimbo lhe poderia servir

– MATÉRIA RESERVADA.

(in "Leme de Luz")

OS JUSTOS  
(por Jorge Luis Borges)

Um homem que cultiva o seu jardim, como desejava Voltaire.  
O que agradece que na terra haja música.  
O que descobre com prazer uma etimologia.  
Dois empregados que num café de Sur jogam um silencioso xadrez.  
O ceramista que premedita uma cor e uma forma.  
O tipógrafo que compõe bem esta página que talvez nem lhe agrade.  
Uma mulher e um homem que lêem os tercetos finais de certo canto.  
O que acaricia um animal adormecido.  
O que justifica ou quer justificar um mal que lhe fizeram.  
O que agradece que na terra exista Stevenson.  
O que prefere que os outros tenham razão.  
Essas pessoas, ignoradas, estão salvando o mundo.

(in "La Cifra", trad. Ruy Ventura)

SEDE  
(por Orides Fontela)

I  
Beber a hora  
beber a água  
embriagar-se  
com água apenas.

II  
Água? É só isso  
que purifica.

III  
Fonte maior  
e não oculta  
fonte sem Narciso  
nem flores.

IV  
Bendita a sede  
por arrancar nossos olhos  
da pedra.

Bendita a sede  
por ensinar-nos a pureza  
da água.

Bendita a sede  
por congregar-nos em torno  
da fonte.

(in "Transposição")

"TE DEUM", DE ARVO PÄRT  
(por Rui Almeida)

Para a Fátima Rolo Duarte

Justo é o lamento e a graça  
De o reter intacto  
No resguardo do peito,  
Não a dor. O milagre

De manter firmes as mãos  
Sobre a mesa fria  
Da ausência; expostas  
Diante dos olhos as imagens

Fixadas há muito tempo. Sóbrio  
É o peregrino que se veste  
Com tão pouco e anseia

Pelo reencontro. E transparente  
A presença de quem acompanha  
Um desconhecido até sua casa.

(in "Higiene")

[MORREREMOS SEPARADOS]  
(por Cristina Campo)

Morreremos separados. Quando muito  
pousarei a face na tua mão  
ao terminar do ano; se em minha mão o rasto  
de uma outra migração contemplares.

Da alma bem pouco  
sabemos. Beberá talvez das represas  
de côncavas noites sem passos,  
pousará sob aéreas plantações  
germinadas dos rasos...

Meu Senhor, meu irmão! Mas de nós  
na mesma estante de cristal  
povos estudiosos escreverão  
talvez, daqui a mil invernos:

"nenhum laço de sangue unia estes mortos  
na necrópole deserta".

(in "O Passo do Adeus", trad. José Tolentino Mendonça)

[Ó CEGOS]  
(por Martim de Castro do Rio)

Ó Cegos, que buscais na morte a vida,  
Na terra quietação, no ar morada,  
Se sois, se haveis de ser, se fostes nada,  
Onde está a conta, o peso e a medida?

Se alma em desejos vãos anda embaída,  
Dizei-me gente vil, desatinada,  
Que cousa vos engana desejada  
Que vos não desengane possuída?

Quem não conhece a Deus, nem se conhece,  
O que há-de aborrecer isso deseja  
E o que há-de desejar isso aborrece.

Meu Deus, dai-me outros olhos com que veja  
Que o mundo em aparência se esvanece  
E vós sejais meu fim para que eu seja.

(in "A Poesia de Martim de Castro do Rio", ed. Mafalda Ferin Cunha)



[AGORA]  
(por Miriam Reyes)

Agora  
no momento em que não estou  
reúno objectos que usarei quando voltar  
folheio livros que lerei quando volte à minha consciência.  
Sonho pouco agora que não estou  
cumpro compromissos alheios à alma  
deixo que os outros dominem o que vem de mim  
porque isto que hoje pode ver-se  
não me faz falta para nada.

(in "Espejo negro y otros poemas", trad. Ruy Ventura)

CASA OU UM VALE  
(por Fiama Hasse Pais Brandão)

Serra de Portalegre

Aqui tudo  
é casa ou um vale  
porque uma casa entre montes  
é funda

De tão profunda é um vale  
e a mesma água  
que corre

tem o leito  
nessa casa  
ou de igual forma  
no vale

O mesmo nome  
tem uma casa ou um vale  
entre montes

E sendo fundo  
é um leito e  
nele  
a mesma água deito

(in "Barcas Novas")

WEB

(por Luis Arturo Guichard)

Amanheço contudo frente a esta máquina  
como tantos que não conseguem dormir.  
Noutra época, seria a hora de 'laudes'.  
E lutei contra o mar por toda a noite,  
diria Owen, buscando também aqui  
a minha porção de vertigem, e nada encontrei:  
não são ninfas as meninas tristes  
– Nabokov haveria de indignar-se –  
que os pederastas fotografam.  
Não são amazonas as mulheres da guerra  
que se reuniram nessa ilha do Cambodja  
para que tal possa afirmar uma fotografia lésbica.  
O mar tornou-se tão largo  
que já ninguém espera do outro lado.

(in "Nadie puede tocar la realidad", trad. Ruy Ventura)

[LUZ MADRUGANTE]  
(por Teixeira de Pascoaes)

Luz madrugada, luz bendita,  
Íntima luz a florescer  
Na minha noite, essa infinita  
E negra noite do meu ser...  
Luz que pressinto, nas Alturas,  
E brilha, em mim, sem eu saber.  
Sorriso etéreo que fulguras,  
Não és a luz do amanhecer,  
Nem a que, à tarde, a um cemitério  
Quer dar uns longes de viver...  
Tu és a luz que eu vi nascer,  
Secreta luz, luz do mistério.

(in "Cantos Indecisos")

[VOZES]  
(por Antonio Porchia)

Se não levantas os olhos, acreditarás que és o ponto mais alto.

\*

Quem não preenche o seu mundo com fantasmas, ficará sozinho.

\*

A dor não nos segue: vai à nossa frente.

\*

Quando observo este mundo, não sou deste mundo; espreito este mundo.

\*

O matador de almas não mata cem almas; mata uma alma só, cem vezes.

\*

Quantos, cansados de mentir, se suicidam numa qualquer verdade.

\*

Não chora quem não encontra uma fonte onde verter o seu pranto.

\*

A recordação é um pouco de eternidade.

\*

Ser alguém é ser alguém sozinho. Ser alguém é solidão.

\*

O que as palavras dizem não dura. Duram as palavras. Porque as palavras são sempre as mesmas e o que dizem nunca é o mesmo.

\*

As pequenas coisas, ao serem tocadas, quase sempre sobrevivem; não assim as grandes coisas.

\*

Uma alma santa não nasce de um paraíso; nasce de um inferno.

\*

Subir, subir e, alcançado o cume, contempla-se o abismo.

\*

Estar em companhia não é estar com alguém, mas estar em alguém.

\*

A estrela e o insecto. Nada mais. Para a estrela  
o insecto e para o insecto a estrela. E ninguém quer  
ser o insecto. Que extraordinário!

(in "Voces", trad. Ruy Ventura)

## CHAMA DE AMOR VIVA

Canções da alma  
na íntima comunicação de união de amor de Deus

(por São João da Cruz)

Oh chama de amor viva,  
que ternamente feres  
da minha alma o mais profundo ponto!,  
já que não és esquiva,  
acaba já, se queres;  
rasga o tecido deste suave encontro.

Oh cautério suave!  
Oh deleitosa chaga!  
Oh toque delicado! Oh mão querido,  
que à vida eterna sabe,  
toda a dívida paga!,  
matando, a morte transformaste em vida.

Oh lâmpadas de fogo,  
em cujos resplendores  
as profundas cavernas do sentido,  
que estava escuro e cego,  
com estranhos primores  
calor e luz dão junto ao seu querido!

Quão manso e amoroso  
acordas em meu seio,  
onde em segredo, solitário, moras;  
e em teu aspirar gostoso,  
de bem e glória cheio,  
quão delicadamente me enamoras!

(in "Poesias Completas", trad. José Bento)

[VERDADE, AMOR]  
(por Luís Vaz de Camões)

Verdade, Amor, Razão, Merecimento,  
qualquer alma farão segura e forte;  
porém, Fortuna, Caso, Tempo e Sorte,  
têm do confuso mundo o regimento.

Efeitos mil revolve o pensamento  
e não sabe a que causa se reporte;  
mas sabe que o que é mais que vida e morte,  
que não o alcança humano entendimento.

Doctos varões darão razões subidas,  
mas são experiências mais provadas,  
e por isso é melhor ter muito visto.

Cousas há i que passam sem ser cridas  
e cousas cridas há sem ser passadas,  
mas o melhor de tudo é crer em Cristo.

(in "Rimas")



[SOLTA A ALEGRIA]  
(por Al Mu'tamid)

Solta a alegria! Que fique desatada!  
Esquece a ânsia que rói o coração.  
Tanta doença foi assim curada!  
A vida é uma presa, vai-te a ela!  
Pois é bem curta a sua duração.

E mesmo que tua vida acaso fosse  
De mil anos plenos já composta  
Mal se poderia dizer que fora longa.  
Seres triste para sempre não seja a tua aposta  
Pois que o alaúde e fresco vinho  
Te aguardam na beira do caminho.

Que os cuidados não sejam de ti donos  
Se a taça for espada brilhante em tua mão.  
Da sabedoria só colherás a turbção  
Cravada no mais fundo do teu ser.  
Eis porque, de entre todos, o mais sábio  
É aquele que não cuida de saber.

(Versão de Adalberto Alves)

POEMA VINDO DOS DIAS  
(por Ruy Belo)

A tua cruz senhor é pouco funcional  
Não fica bem em nenhum jardim da cidade  
dizem os vereadores e é verdade  
E além disso os nossos olhos cívicos  
ficam-se nos corpos de que nos cercaste  
Saudamo-nos por fora como bons cidadãos  
Submetemos os ombros ao teu peso  
mas há tantos outros pesos pelo dia  
E quando tu por um acaso passas  
retocado pelas nossas tristes mãos  
através dos pobres hábitos diários  
só desfraldamos colchas e pegamos  
em pétalas para te saudar  
Queríamos ver-te romper na tarde  
e morrem-nos as pálpebras de sono

(in "Aquele Grande Rio Eufrates")

VIDA, VIDA  
(por Arseniï Tarkovskiï)

Não acredito em pressentimentos, nem agoiros  
Me assustam. Não evito a calúnia  
Ou o veneno. Não há morte sobre a terra.  
Todos são imortais. Tudo é imortal. Não há  
Que ter medo da morte aos sete  
Nem aos setenta. O real e a luz  
Existem, mas não a morte ou a treva.  
Viemos hoje à enseada,  
E o cardume da imortalidade veio  
Quando eu puxava as redes.

(Primeiro poema do tríptico homónimo. In "8 Ícones", versão de Paulo da Costa Domingos.)

[DEIXA AGIR O MISTÉRIO]  
(por Karol Wojtyła)  
[São João Paulo II]

Deixa agir o mistério em mim, ensina-me,  
no corpo atravessado pelo medo, a agir  
como um mensageiro de perdição,  
como o galo que canta.  
Deixa agir o mistério em mim, ensina-me a agir  
na alma ganha pela angústia do corpo  
e que em seu lugar tem medo,  
tem medo do seu próprio medo por causa da maturação,  
por causa dos actos que deixarão rasto no espírito do homem,  
por causa da profundidade em que esta alma foi abismada  
por causa do divino,  
a alma tem o seu medo que, aliás, não contradiz a esperança.

[Terceiro poema de "No princípio era o medo". In "A Pedreira e Outros Poemas", trad. Maria de Lurdes Belchior Ponte e Maria Teresa Dias Furtado.]

[SENHORA DOS SILÊNCIOSO  
(por T. S. Eliot)

[...]

Senhora dos silêncios  
Calma e perturbada  
Dilacerada e ilesa  
Rosa da memória  
Rosa do esquecimento  
Exaurida e fecunda  
Preocupada em repouso  
A Rosa única  
É agora o Jardim  
Onde todos os amores findam  
Terminado o tormento  
Do amor insaciado  
O tormento maior  
Do amor saciado  
Findo do infindável  
Jornada para parte alguma  
Conclusão de tudo o que  
É inconcludente  
Discurso sem palavra e  
Palavra sem discurso  
Graças à Mãe  
Pelo Jardim  
Onde todo o amor finda

[...]

(excerto da II parte de "Quarta-Feira de Cinzas", trad. Rui Knopfli)

AS PALAVRAS DENTRO DE UMA PEDRA  
(por Tonino Guerra)

Debaixo do chão da igreja matriz do Rosário encontraram uns mortos que estavam sentados. Ainda tinham nos pés meias de cores variadas como se costumava fazer dantes com os restos das malhas desfeitas.

De um buraco dos alicerces saiu uma espécie de pedra que não era realmente uma pedra, mas parecia. Mais tarde viram que se tratava de um livro, talvez um caderno cosido à matroca no dorso com um cordel.

Um professor holandês, fartando-se de estudar, descobriu que se tratava do diário de um santo sepultado na igreja, mas tinham-lhe também roubado os ossos. Um ano depois, com lentes grossas que nem fundos de garrafas, o professor conseguiu ler qualquer coisa dentro da pedra. Em primeiro lugar estas palavras: "Mais solitário que Deus não há ninguém".

(in "O Livro das Igrejas Abandonadas", trad. José Colaço Barreiros)

[SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO]  
(por José Blanc de Portugal)

Sexta-feira da Paixão  
sem que nos aterrorize a terra tremendo  
nem de trevas se cobrindo...  
Nuvens do Sol a se esquivarem  
caindo em fina chuva finalmente.

Sexta-feira da Paixão e de paixões:  
A do supremo divino-humano sacrifício  
As de nós todos, física, humanas, sensuais  
egoístas ou por toda a humanidade as  
sofrendo.

E, como dantes estava  
*Mater Dolorosa*  
*juxta crucem lacrimosa*  
Hoje fazei que de tuas dores compartilhando  
as que nós próprios criámos. E nos perdoes.

13.IV.90

(in "Quaresma Abreviada")

DO LIVRO DAS MEDITAÇÕES 2  
(por Daniel Faria)

Portanto farei um escada no coração.  
E pelos degraus subirei da minha casa  
Até bater com o pensamento no altíssimo.  
Apagarei os passos e o cérebro como um rasto no deserto  
Sempre atento como a águia quando fixa o sol  
Sem pestanejar.  
Farei portanto a escada no deserto para fixar  
A luz.  
Da minha casa subirei sem palavras  
Em silêncio, portanto, pisando o coração.

(in "Dos Líquidos")



CONSOLAÇÃO DE MARIA PELO RESSUSCITADO  
(por Rainer Maria Rilke)

O que ambos então experimentaram: não é o mais ameno  
de todos os mistérios  
e no entanto ainda terreno:  
quando Ele, ainda um pouco pálido do sepulcro,  
mais ligeiro, veio ao seu encontro:  
ressuscitado por inteiro.  
Oh, em primeiro lugar a ela! Como ali se encontravam,  
indizivelmente, curando-se.  
Sim, curavam-se, era o que se passava. Não careciam  
de um contacto mais forte.  
Durante uma fracção de segundo  
Ele pousou a Sua mão,  
em breve eterna, no ombro feminino.  
E começaram,  
silenciosamente, como as árvores da Primavera,  
em conjunto, infinitamente,  
a estação do ano  
da sua máxima intimidade.

(in "A Vida de Maria", trad. Maria Teresa Dias Furtado)

O SILÊNCIO  
segundo Angelus Silesius  
(por José Tolentino Mendonça)

Deus ultrapassa tudo  
nada se pode dizer  
A tua oração seja  
a prece do silêncio

Cala-te, cala-te, dilecto  
aprende ainda a calar  
A prodigalidade de Deus  
só a alcança  
a prece do teu silêncio

Ninguém fala menos do que Deus  
em nenhum tempo, em nenhum lugar  
A Palavra que Deus pronuncia  
é silêncio

(in "Estação Central")

[VIVO EM LAMA]  
(por Luiza Neto Jorge)

Vivo em lama  
à beira do derrame.  
Na cratera.

Vivo em cama  
de pregos, vidros  
dentes de fera.

Vivo em chama.  
Pegou-se o fogo ao fato  
que morte e vida  
irmana.

(in "A Lume")

PALAVRAS  
(por Sylvia Plath)

Machados,  
depois do seu golpe a madeira ressoa,  
e os ecos!  
Ecos que partem  
do centro, semelhantes a cavalos.

A seiva  
jorra como lágrimas, como  
água capaz de lutar  
para refazer o seu espelho  
sobre uma rocha

que cai e se transforma,  
uma branca caveira  
consumida pelas ervas daninhas.  
Anos depois,  
encontro-as na estrada...

Palavras secas e sem cavaleiro,  
infatigável ruído de cascos.  
Enquanto  
do mais fundo do lago as móveis estrelas  
regem a vida.

(in "Pela Água", trad. Maria de Lourdes Guimarães)

À VIRGEM SANTÍSSIMA  
(por Antero de Quental)

Cheia de graça. Mãe de Misericórdia.

Num sonho todo feito de incerteza,  
De nocturna e indizível ansiedade,  
É que eu vi teu olhar de piedade  
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da beleza,  
Nem o ardor banal da mocidade...  
Era outra luz, era outra suavidade,  
Que até nem sei se as há na natureza...

Um místico sofrer... uma ventura  
Feita só do perdão, só da ternura  
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa!  
Fita-me assim calada, assim chorosa...  
E deixa-me sonhar a vida inteira!

(in "Poesia Completa")

[COM UM SÓ FÓSFORO]  
(por Amadeu Baptista)

Com um só fósforo ilumino o infinito.  
E muitas vezes o infinito é algo  
muito próximo, um livro, uma chávena  
de chá, o teu rosto escondido  
na penumbra, o retrato de alguém desconhecido  
que de uma praça acena,  
um fio de tabaco, um monograma  
num lenço muito branco.  
O infinito o mais das vezes é  
não mais do que o que toca o coração,  
uma leve poeira pelo ar, um ponto fixo  
que a mão ousa tocar, esta chama  
que de repente amplia a escuridão  
e me torna visível a quem passa  
e no clarão acende o seu cigarro.

(na antologia "Antecedentes Criminais")

O HOMEM EM ECLIPSE  
(por Mário Cesariny)

Ora foi que certo dia  
o homem eclipsou-se.  
– A data! Digam a data,  
a datazinha, faz favor!  
– Qual data! Foi por decreto  
que o homem se eclipsou,  
foi só manobra, espertice,  
um, dois, três, e pronto, é noite,  
que nem a Lua apareça  
seja de que lado for!

Uns seguraram-se logo,  
eram espertos, bem se viu,  
outros caíram ao mar  
com cabeça pernas e tudo.  
Quanto a mim perdi a calma,  
fique desaparafusado,  
tradição, cultura, estilo,  
certeza, amigos, fatiota,  
tudo fora do seu sítio  
– um desaparafuso terrível!

Segurem-se, camaradas,  
sinto pernas a boiar,  
cheiro fantasmas, enxôfre,  
estou aqui mas posso voar,  
o parafuso da língua  
vai partido, vai saltar.  
Agarrem-me! Agarra! Pronto.  
Pari o mais leve que o ar.

(in "Nobilíssima Visão")

PÂNICO  
(por Ruy Cinatti)

Deus estava presente na ausência.  
Um cão uivou lá longe, não se sabe...  
Uma criança gritou distintamente  
– surto inesperado e quase eclipse.

A névoa agora intensa foram estrelas  
e todos então se entreolharam  
depois de qualquer intimidade  
desvendada e trágica.

Houve vozes e gritos, histerismos  
e palmas após a tempestade.  
A morte os aflorou, a negra asa  
passou como um perigo.

(in "Archeologia ad Usum Animae")



[PLACIDAMENTE]  
(por António Nobre)

Placidamente, bate-me no peito  
Meu coração que tanto tem batido!  
E para mim, inda este mundo é estreito  
P'ra conter tudo quanto eu hei sofrido.

Meus dias vão passando como as águas  
Que o vento leva em ondas, ao mar-alto,  
E se de noite eu oiço aquelas mágoas  
Já não descanso mais, em sobressalto.

Placidamente, bate-me no peito  
Meu coração em lutas tão desfeito,  
Que com a Vida, a Dor hei confundido.

E se se ganha a Paz com sofrimento,  
Deixai-me entrar enfim n' esse Convento...  
Pois há quem tenha, assim como eu, sofrido!

Berna, Maio, 1896.

(in "Despedidas")

[DESCESTE DO TEMPO]  
(por José Rui Teixeira)

Desceste do tempo, de uma luz  
qualquer, como quem traz  
a cegueira para o interior  
tangível da verdade de ser alguém.  
E tu eras alguém, eu sabia-o.  
E essa luz perdurou.  
Durante anos a entrevi  
por entre a roupa estendida  
na corda, espreitando o modo  
como eu crescia.  
Era ocasionalmente tão feliz  
que ficava cego e era para mim  
um consolo não ver. Nasci  
para pressentir, pensei  
repetidamente quando,  
sem saber, já não pressentia.

Desceste do tempo, dessa luz  
que se apagou. Digo alpendre  
porque não há céu  
com que amparar a morte.  
Digo cegueira à falta de pedras  
com que raspar dos olhos  
a crosta de ser alguém.

(de "Memento Mori", in "Antípoda")

[É ESTA A MELHOR HORA]  
(por Raul Brandão)

[...]

É esta a melhor hora para se ouvir e em que eu quási entendo as palavras. Há coisas desfalecidas: árvores vão tombar de emoção ; e de tudo o que existe sai uma prodigiosa alma etérea e viva, que me envolve e toca, e que fala! que vai falar!...

Donde nasce esta beleza? donde vem tudo isto?... Se um homem cai prostrado e grita, as suas palavras ígneas são apenas sons que, misturados a outros gritos de dor, formam palavras dum monólogo enorme. ¿ E credes que existam montanhas, águias, o mar, crede-lo por ventura?... São sílabas, são vozes da Terra, que entra no diálogo. E mundos, estrelas, são palavras d' Aquele que no infinito prega. É sempre a mesma força, a única força que cria a beleza e o sonho, a força donde brota a Vida.

Eu tinha visto que a dor era sempre necessária para se produzir alguma coisa de belo: para se agarrar um pedaço de sonho, que, apenas entrevisto, foge; para que nas nossas mãos esquálidas fique um farrapo dessa figura de prodígio; para que a vida tenha um fim; para amar; para criar; para que alguma coisa de duradouro reste. Num grito existe sempre viva uma porção de beleza. Da cova nascem coisas materiais, formas, árvores, nuvens – da dor a beleza absoluta. E com que fim? dir-me-ão.

Imaginem um estatuário: para compor uma marmórea figura, para realizar um fantasma entrevisto, precisa de sofrer. Depois tritura o barro, petrifica a dor. ¿ E acaso pergunta se o barro sofre? Assim Deus esmaga o barro que nós somos para construir alguma coisa de extraordinário: mundos, a Vida e a Morte, alma infinita que tudo atravessa.

[...]

¿ O que é então a dor, milagre extraordinário, que consegue dar vida às fragas? ¿ o que é esse assombroso fluido, que se comunica, alma arrancada da própria alma e que se pode repartir como o pão? Nunca houve sob o sol criatura que sofresse da verdadeira dor, cujo sofrimento não consolasse ou salvasse. Até as mais humildes, como árvores que ainda depois de mirradas vão aquecer e alumiar os pobres.

A dor dá a vida e não é a própria vida: cria, redime, obra prodígios e nada há que se comunique, que convença, que torne os homens irmãos, como ela... ¿ Para onde vão pois todos esses gritos, unidos num só grito? Visto que nada se perde ¿ que é que se sustenta no infinito com essa enxurrada de lágrimas? Deus?

(in "Os Pobres")

[POMBA SILENCIOSA]  
(por Moseh Ibn 'Ezra')

Pomba silenciosa e distante, afastada do seu ninho,  
sua dor é constante e incurável a sua ferida;  
como um pássaro na rede, geme, e a sua alma se consome  
pela falta de ar e pelo trabalho duro.

Plantou um pomar iníquo e recolheu os seus frutos diariamente;  
semeou semente rebelde para recolher a sua rebelião;  
desprezou a instrução e por isso viu desnudo o seu corpo;  
esgarrou o vestido delicado e despojou-se de adornos,  
com lágrimas sobre as faces como águas na terra seca.

Estou submerso e grito de um poço sem água,  
clamo e levanto o coração à altura das mãos,  
bato e chamo às portas dos céus.  
Oxalá ouvira a minha voz o criador da palavra!  
Se se dessem conta, meus adversários cobrir-se-iam de vergonha.

Vê que ponho os olhos pelos caminhos e não há quem me conheça;  
o inimigo feriu-me, embriagando as suas flechas no meu sangue.  
Como dantes, lembra-te da aliança que já ninguém recorda.  
Que o pecado do jornaleiro não atrase o pagamento das obras!  
Olha que é tua a libertação e também a herança.

(na antologia "Poetas hebreos de Al-Andaluz (siglos X – XII)"; versão de Ruy Ventura.)

O DERRADEIRO SÍTIO  
(por Aurelino Costa)

É um derradeiro sítio... O rio está  
entre dois campos de milho. Meu pai  
assobia... Ele sabe que eu não o vejo  
se me visse ficaria parado a ver o rio?  
Lembrei-me, ele nunca me leu  
e isto magoa-me.

Nunca mais fomos os mesmos, não seremos  
enquanto se falar de rios e de margens...  
Vou ter de me despir se quero nadar  
nu nas águas é a minha infância  
coada pelo sol pendular dos ramos dos salgueiros...

Queria nadar, um parafuso, remoinho  
de água e areia...  
Um guarda-rios salvou-me de morrer afogado...  
Passei a olhar a água com o respeito nobre dos assustados  
desenhei para mim um fósforo de cera que ainda arde.

Como eu queria ser homem. Nessa altura fugia dos  
que chutavam bolas de farrapos no chão.  
Escrevi na lousa a palavra veleidade. Até hoje,

até queimar a vela!

(in "Gadanha")

A INFÂNCIA DO SUPER-HOMEM  
(por Jaime Cortesão)

Ao senhor António Sérgio

Vem aí! Vai surgir o Super-Homem,  
O livre Prometeu, senhor do Espaço,  
O alado nume, cujos braços domem  
Todo o planeta e o cingem num abraço.

Ei-lo! Já mil desejos o consomem!  
E o monstro, a quem a Terra é antro escasso,  
Que não é anjo ainda e já foi homem,  
Tentar voar, mas tomba com fracasso.

Pégaso intonso, em cuja espada a custo  
As asas curtas brotam, a vertigem  
Rouba-lhes a luz, dobra-lhe em dois o busto;

E a Valquíria das livres cavalgadas,  
O pobre semideus, tornado à origem,  
Raivoso, fere o mundo a quatro patas!

(in "Missa da Meia-Noite e Outros Poemas")

SOPA  
(por Carl Sandburg)

Vi um homem famoso comer sopa.  
Vi que levava à boca o gorduroso caldo  
com uma colher  
Todos os dias o seu nome aparecia nos jornais  
em grandes parangonas  
e milhares de pessoas era dele que falavam.  
Mas quando o vi,  
estava sentado, com o queixo enfiado no prato,  
e levava a sopa à boca  
com uma colher.

(in "Antologia Poética", trad. Alexandre O' Neill)

[À MORTE PEÇO]  
(por William Shakespeare)

À morte peço a paz farto de tudo,  
de ver talento a mendigar o pão,  
e o oco abonitado e farfalhudo,  
e a pura fé rasgada na traição,  
e galas de ouro em despejados bustos,  
e a virgindade à bruta rebentada,  
e em justa perfeição tratos injustos,  
e o valor na inépcia valer nada,  
e autoridade na arte pôr mordaça,  
e pedantes a engenho dando lei,  
e a verdade por lorpa como passa,  
e no cativo bem o mal ser rei.

Farto disto, não deixo o meu caminho,  
pois se eu morrer, é o meu amor sozinho.

(in "Os Sonetos de Shakespeare", trad. Vasco Graça Moura)



[PENSO QUE O MAR]  
(por C. Ronald)

penso que o mar é para beber  
reflexo do esplendor com mistura de angústia  
digo o que penso de sermos azul ou verde  
e dá para acreditar que nele  
a poesia mergulha e na outra metade  
filtra o sagrado e quem sabe  
salgado o sentido comum  
a morte me convença a não ter sede

(in "Os Sempre")

[SÓ AS COISAS MORTAS]  
(por Rui Nunes)

Só as coisas mortas apaziguam as palavras. Não. Não.  
Só as coisas mortas são a verdade medonha das palavras (as palavras fizeram-se para Deus?). O que é (está) vivo, desentende-se. A querela

:  
eis a mão que se ergue  
com uma arma. O sul  
pleno. O soco.

A fragilidade anónima da raiz.  
Entre cascalho e xisto. Petrificado.  
O livro.

Por vezes, uma palavra rasga. A alegria de ainda não saber.  
Por vezes, uma palavra regressa  
à primeira.

Ou:  
Uma morte profunda:  
Eis a última casa.

Desencontra, descansa  
no teu corpo. Nunca  
dos sítios de onde fugiste.

(in "Armadilha")

[QUANDO A TIRANIA]

(por Leonor de Almeida de Portugal Lorena e Lencastre, Marquesa de Alorna)

Quando a tirania excede  
Os limites do tormento,  
Impõe lei à voz, ao gesto,  
Encadeia o pensamento.

Mas este, batendo as asas,  
Voleja sobre as cadeias.  
E vinga-se da baixeza  
Co' a elevação das ideias.

(in "Obras Poéticas")

ESTADOS DE LAMA  
(por António Carlos Cortez)

1.  
Quando marcavas o furtivo  
encontro em corredores de sangue  
e de frenético transporte o incêndio  
em carne exangue propagava-se  
às imagens de espelhos onde vivo  
te sentias por minutos

2.  
Astutos lobos do espírito  
trespassaram-te a pele  
até à alma chegar só esse instinto  
transformando o amor em cinza  
e o olhar em coisa empedernida  
conforme à cidade metálica  
e mecânica Polvo de ferro  
e plástico lugar sem saída

3.  
O coração tardio:  
fogo fátuo  
acidente vascular verbal  
urbano e frio

(in "O Nome Negro")

[PARA CINGIR]  
(Por Ángel Campos Pámpano)

PARA CINGIR o ar cheguei até aqui. Só para dar sentido a uma carência e afastar a solidão.

(in "Jola", trad. Ruy Ventura)

[O DIA ENTOA]  
(por Antonio Sáez Delgado)

O dia entoa a sua última canção, o latejar final da tarde espera-nos.  
A tua voz passeia entre sombras, chegada de um tempo que arrasta sacos de areia e os despeja na memória. Pensas no desejo que noutras vezes alentou a tua vida, e que cobre agora toda a habitação com suas velhas mantas remendadas, como um vagabundo que dormita sobre um montão de escombros.

Sei-o. O tempo tudo devasta. É em vão este empenho de passar em cada dia por uma paisagem de casas desoladas como animais feridos. Sei-o. O ruído da nostalgia torna-se insuportável. Caminho de uma estação à outra do inferno.

(in "Dias, Fumo", trad. Ruy Ventura)

LEVARAM LUZ P'RA ONDE REINA A TREVA  
(por António Telmo)

Levaram luz p'ra onde reina a treva  
Insensíveis como se nada houvesse.  
Tanto lhes faz acácia, rosa ou esteva  
Que segredo seja com *c* ou com *s*.

Trabalham agora na Internet.  
Sua dimensão é a de um computador  
Que manda para o mundo o diabrete  
E as suas cinco pontas de furor.

Sentado na cadeira de Salomão, Satã ri  
Tem a seus pés o mundo como o fez.  
Porém o Outro, o do Yod e do I

Aquele Mundo que realmente é três  
Recolheu-se à espera. Está ali  
Onde o infinito se recolhe em si.

(in "Poesia")

NENHUMA MÁSCARA  
(por José Carlos Barros)

Não sabemos ainda como  
perdemos as asas: se  
nos lancis dos terraços  
em voo sobre os pomares de amendoeiras, se  
nas sobrevoadas cumeadas  
dos bosques de bétulas em novembro, se  
nos olhos de água, se  
na puta da vida emitindo recibos  
e assinando avenças. Sabemos apenas  
que nos olhamos hoje  
e nenhuma máscara  
nos cabe  
no rosto.

(in "O Uso dos Venenos")



HÁ OUVIDOS QUE ESCUTAM NAS TORRES  
(por Dylan Thomas)

Há ouvidos que escutam nas torres,  
Mãos que resmungam na porta,  
Olhos que vêem dos beirais  
Os dedos nos ferrolhos.  
Devo abrir ou ficar só  
Até o dia em que morra  
Sem ser visto por olhos alheios  
Nesta casa branca?  
Mão, o que guardais: o veneno ou as uvas?

Para além dessa ilha confinada  
Junto a um delgado mar de carne  
E um litoral de ossos,  
A terra jaz fora do som  
E as colinas fora do espírito.  
Nenhum pássaro ou peixe-voador  
Perturbam a paz dessa ilha.

Há ouvidos que escutam nessa ilha  
Passar o vento como o fogo,  
E olhos que vêem nessa ilha  
Zarparem os navios da baía.  
Hei de correr para os navios  
Com o vento nos cabelos,  
Ou lá ficar até o dia em que morra  
Sem saudar marinheiro algum?  
Navios, o que guardais: o veneno ou as uvas?

Há mãos que resmungam na porta,  
Navios que zarpam da baía,  
A chuva vergasta a areia e a ardósia.  
Hei de acolher o estrangeiro,  
Hei de saudar o marinheiro,  
Ou lá ficar até o dia em que morra?

Mãos do estrangeiro e porões dos navios,  
O que guardais: o veneno ou as uvas?

(in "Poemas Reunidos", trad. Ivan Junqueira.)

SENTENÇA  
(por Afonso Duarte)

Sê sóbrio,  
E sorri das tonturas dos medíocres  
Com dó e piedade.  
Não descubras que existes:  
Tem caridade.

(in "Ossadas")

ÚLTIMO ÓBOLO  
(por Giannis Ritsos)

Horas difíceis difíceis no nosso país. E ele, orgulhoso,  
nu, desprotegido, fraco, deixou que o socorressem:  
fizeram sobre ele uma hipoteca; apropriaram-se de direitos; exigem;  
falam em seu nome; marcam-lhe a cadência da respiração, do passo;  
dão-lhe esmola; vestem-no com outra roupa, larga, folgada;  
cingem-lhe à cintura uma amarra de navio. E ele,  
na sua roupagem estrangeira, nem fala, nem sequer já sorri,  
não vá parecer que, entre os dentes, segura (até mesmo na hora do sono)  
bem firme, como seu último óbolo (agora seu único dever),  
nua, faiscante, irredutível, a sua morte.

7.XI.68

(in "Grades", trad. Custódio Magueijo)

[PEGO NUM VERBO]  
(por Jorge Melícias)

Pego num verbo.  
É uma tenaz  
funda  
no fogo,  
a febre assobiada  
nas hastes.

Canto como se só a morte  
fosse intacta.

(in "O Dom Circunscrito")

MADALENA À LAMPARINA  
de Georges de La Tour  
(por René Char)

Gostaria que a erva hoje fosse branca para calcar a evidência de vos ver sofrer:  
não fitaria sob a vossa mão tão jovem a forma dura, sem reboco, da morte.  
Num dia discricionário, outros, embora menos ávidos do que eu, hão-de tirar-  
vos a vossa camisa de pano, ocuparão a vossa alcova. Mas, ao partirem, irão  
esquecer-se de apagar a lamparina e um pouco de azeite espalhar-se-á pelo  
punhal da chama sobre a impossível solução.

(in "Fureur et Mystère", trad. RV)

A PESADA CORDA DO HÁBITO  
(por João Santiago)

E direi de esse homem  
a quem assentaram nas costas  
uma pesada cruz  
e fizeram caminhar  
por rua de escárnios  
e nenhuma água.

Direi que todo o homem  
leva uma cruz que lhe pesa.  
E é possível haver homens  
que levam duas.  
E é possível dizer dos muitos  
que levam mais,  
e até dos que julgam que a tal preço  
se vão furtando.

Ao que parece,  
somos diligentes  
animais de carga: abraçadamente  
o ser e o seu hábito.

Mas não nos ponhamos  
a ajustar medos  
de futuras faltas,  
pois tanto é o engenho que nos assiste  
que de outras e mais pesadas  
faremos apego.

Talvez venham de ferro.  
Talvez de pedra.  
Talvez de uma outra loucura,  
por inventar,  
que bem mais pese.

(in "Poemas da Asa e da Pedra")

[VEJO-ME]  
(por Pedro Tamen)

Vejo-me no brilho que te dou,  
ó espelho das minhas mãos,  
fugaz vitória destes dias  
últimos.

(in "O livro do sapateiro")



ÓMEGA  
Poema para mortos  
(por Federico García Lorca)

As ervas.

Eu vou cortar a mão direita.  
Espera.

As ervas.

Tenho uma luva de mercúrio e outra de seda.  
Espera.

As ervas!

Não soluces. Silêncio. Que não dêem por nós.  
Espera.

As ervas!  
Caíram as estátuas  
ao abrir-se a grande porta.

As eeeervas!!

(in «De 'Tierra y luna'», trad. Ruy Ventura)

QUEM VAI, O QUE FICA  
(por Anton van Wilderode)

O mundo continuará depois do pranto,  
árvores jovens, adultas, baloiçantes  
sobre o verde de tantas ervas deslizante,  
por tudo se espraia das aves o canto,

as estrelas com o mesmo nome ao girar  
ante outros homens com nomes alterados  
em suas órbitas dadas para tempos dados  
enquanto o sol durar e a luz estival,

um aluvião de rosas decerto haverá,  
redonda neve de inverno nos caminhos  
e a chuva dará suas voltas peregrinas,  
e dia e noite e dia, quando me vá.

(in "De vlinderboom", trad. Ruy Ventura)

[APRECIA ANTES]  
(por João Rasteiro)

Aprecia antes as coisas da terra  
e à parte a metáfora – espasmos  
na secreta cisterna dos pastores!

(in "A Divina Pestilência")

[SABOREAR A DESGRAÇA]  
(por Mário Saa)

Saborear a desgraça  
é gosto tão penetrante  
como não há outro instante  
na luxúria mais devassa!

Saborear o que passa  
na fieira dos seus dedos  
é dominar os enredos  
com que se faz a desgraça.

Desventura sopra e passa;  
não sei eu saborear-me,  
e entra outra vez a inundar-me  
a inundação da desgraça!

(in "Poesia e alguma prosa")

[HÁ DOENÇAS PIORES]  
(por Fernando Pessoa)

Há doenças piores que as doenças,  
Há dores que não doem, nem na alma,  
Mas que são dolorosas mais que as outras.  
Há angústias sonhadas mais reais  
Que as que a vida nos traz, há sensações  
Sentidas só com o imaginá-las  
Que são mais nossas do que a nossa vida.  
Há tanta coisa que, sem existir,  
Existe, existe demoradamente,  
E demoradamente é nossa e nós...  
Por sobre o verdor turvo do amplo rio  
Os circunflexos brancos das gaivotas...  
Por sobre a alma o adejar inútil  
Do que não foi, não pôde ser, e é tudo.

Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.

(in "Poesia 1931 - 1935")

SILÊNCIO  
(por Edward Lucie-Smith)

Silêncio: que prazer seria  
Consumi-lo, comê-lo como pão.  
Nunca há bastante. Agora,  
Quando estamos calados, metal  
Ainda tine em tremente  
Metal; porta que bate; uma criança  
Chora; outras vidas nos cercam.

Mas recordai, não há  
Silêncio dentro; o ventre  
Suspira, ronca, e o que é  
Esse bater, essa chamada?  
Um tambor bate, um tambor,  
Ouve a tua máquina ruidosa,  
Que para o silêncio se dirige.

(trad. Manuel de Seabra in "Antologia da Poesia Britânica Contemporânea")

RANHURAS  
(por Levi Condinho)

Ranhuras no sótão  
rascunhos na gaveta tarde na noite só  
dormem todos e estão bem enquanto dormem  
há uma nódoa negra no Alentejo  
como podia ser a minha camisa inocente  
um voo planante e redondo de andorinha  
uma pobre coruja nunca socializada  
na pérfida mente da humanidade  
ranhuras na alma silvo de comboio de ferro  
rasgar do vinho nas tripas iradas  
o fato branco do objector de consciência na arca  
e a tristeza da boina vermelha  
de um enorme campónio feito comando dos infernos  
um jovem saturado de heroína  
à espera do Lou Reed que o não salvará  
porque "só há saída pelo fundo" (Cristovam Pavia)

Bach regressa sempre como se fora Deus

(in "Pequeno Roteiro Cego")

[LEGITIMAS]  
(por Jorge Teixeira)

legitimas os dias da invasão  
legalizas o amor  
permities que os pássaros  
voem entre as pernas  
pois sabes que vais partir

como nos dias de tempestade  
ouves o profeta

somos todos refugiados

(in "Abandono")



PARTIDA  
(por Jean-Arthur Rimbaud)

Demasiado visto. A visão percorreu todos os ares.  
Por demais sofrido. Rumor das cidades, à noite, ao sol, e sempre.  
Por demais sabido. As estocadas da vida. – Ó Rumores e Visões!  
Partida no afecto e no ruído novos!

(in "Illuminations", trad. Mário Cesariny)

[SOBEM]  
(por João Moita)

Sobem a montanha com pássaros  
em debandada no coração,  
alentam o fôlego na limalha dos pulmões,  
equilibram-se nos pedais com o ceptro  
das pernas perfurando os rins.  
Estão em plena ascensão  
para as mandíbulas de Deus,  
onde beberão com o esquecimento  
a saliva da recompensa.

(in "uma pedra sobre a boca")

O VISIONÁRIO OU O SOM E A COR  
(por Gomes Leal)

A Eça de Queirós

Eu tenho ouvido as sinfonias das plantas.

Eu sou um visionário, um sábio apedrejado,  
Passo a vida a fazer e a desfazer quimeras,  
Enquanto o mar produz o monstro azulejado  
E Deus, em cima, faz as verdes primaveras.

Sobre o mundo onde estou encontro-me isolado,  
E erro com estrangeiro ou homem doutras eras,  
Talvez por um contrato irónico lavrado  
Que fiz e já não sei noutras subtis esferas.

A espada da Teoria, o austero Pensamento,  
Não mataram em mim o antigo sentimento,  
Embriagam-me o Sol e os cânticos do dia...

E obedecendo ainda a meus velhos amores,  
Procuro em toda a parte a música das cores,  
– E nas tintas da flor achei a Melodia.

(in "Claridades do Sul")

AMIGOS  
(por Heleno Godoy)

Existem amigos de todos os jeitos:  
pássaros, répteis, pequenos insetos  
que borboleteiam e pousam,  
incansavelmente.

Aqueles pegajosos ou carrapatos,  
afugentamos.

Ou apenas tentamos, pois são  
mais que escorregadios,  
são transformistas.  
E de minhocas viram sapos,  
às vezes, espantalhos.

Daqueles outros, os que flutuam,  
preservamos a transitoriedade  
e o viés da inconstância,  
sempre tão atraentes,  
a surgirem, a desaparecerem,  
a desaparecerem, a surgirem,  
constantemente.

(in "Lugar Comum e Outros Poemas")

PEDIDO  
(Hilde Domin)

Somos mergulhados  
e lavados com a água do dilúvio,  
encharcados  
até à membrana exterior do coração.

O desejo da paisagem  
aquém do romper das lágrimas  
nada vale,  
o desejo de impedir o florir da primavera,  
o desejo de ficar preservado  
nada vale.

Vale, sim, pedir  
que ao nascer do sol  
a pomba traga o ramo de oliveira:  
que o fruto seja tão colorido como a flor  
que as pétalas da rosa no chão  
ainda formem uma coroa luminosa.

E que sejamos libertados da torrente,  
da cova do leão e do forno em chamas,  
sempre mais feridos e sempre mais intactos,  
para nós próprios.

(in "Estende a mão ao milagre – antologia", trad. Maria José Peixoto Lieberwirth)

[A MEDO VIVO]  
(por António Ferreira)

[...]  
Quanto em mim mais das musas o fogo arde,  
Tanto trabalho mais por apagá-lo,  
Quanto o silêncio vale, sabe-se tarde.

A medo vivo, a medo escrevo, e falo,  
Hei medo do que falo só comigo;  
Mas inda a medo cuido, a medo calo.

Encontro a cada passo c' um imigo,  
De todo o bom sprito; este me faz  
Temer-me de mim mesmo, e do amigo.

Tais novidades este tempo traz,  
Qu' é necessário fingir pouco siso  
Se queres vida ter, se queres paz.

Vida em tanta cautela, tanto aviso,  
Quando me deixarás? quando verei  
Um verdadeiro rosto, um simpres riso?

Quando a mim me creram, todos crerei  
Sem dúvidas, sem cores, sem enganos,  
E eu, que de mim mesmo seja Rei!

Ah tantos dias tristes, tantos anos  
Levados pelos ares em desejos  
De falsos bens, e nossos tristes danos!

A quem os deixa, e foge, quão sobejos  
Lhe parecem mais bens, que os que só bastam,  
Desviar da virtude os cegos pejos.

Quantos as vidas, quantos almas gastam  
Em buscar seu perigo, e sua morte,  
E trás ela seus jugos cruéis arrastam!

Aqueles vivem só, a que coube em sorte,  
Ao som da frauta, que dos ombros pende,  
O Mundo desprezar com sprito forte.  
[...]

(parte da "Carta XII – a Diogo Bernardes", in "Poemas Lusitanos")

[A ENERGIA DO VAZIO]  
(por Maria Gabriela Llansol)

A energia do vazio é muito solitária. Espaço que acompanha Espaço, sua extensão segue-nos como um cão. De certo modo, Guia-nos, não nos persegue. É para ele que respira o nosso eu Sem vidros. Também não há portas nem janelas que delimitem E confortem. Nem casa que o convide, nem obstáculo que o Afaste. O Arrábido girou sobre si, apontando à falésia. Coberta De flores, tornou o inóspito uma extensão concreta e infinita De beleza \_\_ *Firmeza* \_\_ Foi a segunda palavra que disse.

(in "O Começo de um Livro é Precioso")



[UMA LINHA?]  
(por Luís Quintais)

Uma linha? Uma linha no poço sem fundo da história. Estrépito de armas ou mistificação plena é tudo o que vejo como quem escuta ou escuto como quem vê.

(in "O Vidro")

ENTÃO, A MORTE  
(por Álvaro Valverde)

Na cabeça, palavras amargas;  
palavras dolorosas  
pelo seu peso de morte.  
Nos olhos, tristeza.  
E de súbito, ali,  
numa esquina apertada da terra,  
algo te reconcilia com o tempo.  
Uma árvore devolveu-te a esperança.  
Com ela regressou essa verdade,  
para o resto sempre precária,  
com que se pode justificar até a vida.  
Com a visão humilde de um marmeleiro.

(in "Desde Fuera", trad. Ruy Ventura)

NO CAMINHO SEM CAMINHO (Yuste)  
(por Antonio Colinas)

Ser como esse cedro cheio de pássaros:  
perdurar e cantar.  
Não parece sequer mudar  
com o incenso que os monges queimam,  
com a água esverdeada do tanque,  
com todo este esplendor de que recebe  
a sua formosa plenitude.

Nunca partirei daqui, mesmo que parta.  
Serei sempre laranjeira, hera, rola,  
carvalho, ou borboleta, ou pedra eterna,  
ainda que, na aparência, nosso corpo  
siga por esse caminho sem regresso,  
siga por esse caminho sem caminho.

Ainda que parta, ainda que não regresse,  
e sinta tão devagar a asfixia dos anos  
fui e serei esse cedro que oscila  
na borda do tanque,  
e que de noite acaricia as estrelas.

Aqui, nesta ladeira, com neve ou sem neve,  
está quanto penso alcançar um dia,  
por mais que o tempo hoje passe  
como o regato que longe murmura:  
desgastando rochas, arranhando silvas,  
abismado em fontes.

Nunca partirei daqui, mesmo que parta.  
Serei sempre rumor, voo de pássaro  
do bosque ao jardim,  
da sombra até à luz.  
Quero ser algo mais do que o fruto vermelho  
que brilha e que amadurece, e se corrompe  
anunciando o verão nas cerejeiras.

Sei que jamais partirei deste jardim.

E que, mesmo partindo,  
algo hei-de levar deste paraíso  
para outro lado.  
Para onde?  
Não sei.  
O júbilo que hoje sinto é tão grande  
que já não creio nem sequer na morte.  
Essa morte que um dia fugiu deste lugar  
(acaso para o jardim dos jardins),  
quando abriram o chumbo e a madeira do sarcófago,  
quando arrancaram o cadáver  
da tumba do Imperador.

(in "Tiempo y Abismo")

[ONDE OS MORTOS]  
(por Fernando Echevarría)

ONDE OS MORTOS SE MOVEM HÁ LUGARES  
em que as clareiras abrem o silêncio  
somente a ter havido algures árvores  
que nesse algures continuam sendo.  
Passam perto dali ainda as aves.  
Mas, quando passam, esse movimento  
suspende o ir-se, quase  
como se fosse por si próprio adentro.  
E isso porque os mortos ao passarem  
contagiam o espaço. Sobressaltam o tempo  
de forma a o poderio de toda a antiguidade  
abrir lugares de conhecimento.

(in "Sobre os Mortos")

VONTADE DE DORMIR  
(Mário de Sá-Carneiro)

Fios de oiro puxam por mim  
A soerguer-me na poeira –  
Cada um para o seu fim,  
Cada um para o seu norte.

.....

– Ai que saudades da morte...

.....

Quero dormir... ancorar...

.....

Arranquem-me esta grandeza!  
– Pra que me sonha a beleza,  
Se a não posso transmigrar?...

Paris, 6 de Maio de 1913

(in "Dispersão")

AS FLORES, OS MORTOS  
(por J. O. Travanca-Rêgo)

*O Horror é evidente*  
*A Beleza, menos evidente*

As flores murcham, os amigos adoecem,  
os Sábios dão em loucos. E os mortos, esses,  
perfilam-se roxos nos sovacos dos séculos –  
gritam inteiros a mágoa e dúvidas  
acerca do que vivessem...

E assim vou tendo a sensação, às vezes,  
de me terem extraído o coração ou talvez mesmo  
o resto do interior! Terão ficado os gestos  
com que me apresento nas ruas –  
gestos sem rosto e sem dedos, gestos redondos  
de nevoeiro.

(in "Hiatos")

LEITURA  
(por Carlos de Oliveira)

Quando por fim as árvores  
se tornam luminosas; e ardem  
por dentro pressentindo;  
folha a folha; as chamas  
ávidas de frio;  
nimbos e cúmulos coroam  
a tarde, o horizonte,  
com a sua auréola incandescente  
de gás sobre os rebanhos.

Assim se movem  
as nuvens comovidas  
no anoitecer  
dos grandes textos clássicos.

Perdem mais densidade;  
ascendem na pálida aleluia  
de que fulgor ainda?  
e são agora  
cumes de colinas rarefeitas  
policopiando à pressa  
a demora das outras  
feita de peso e sombra.

(in "Pastoral")



O VISITANTE  
(por Martín López-Vega)

A casa parece estar calma  
e introduzo a chave  
na enferrujada fechadura.  
Nunca antes estive aqui  
e, no entanto, parece-me  
ter regressado ao lar.  
Chamo alto. Ninguém responde.  
Enquanto avanço às escuras pelo corredor,  
em quartos fechados  
apodrecem centenas de cadáveres com o meu rosto.

(in "La Emboscada", trad. Ruy Ventura)

[ALÉM DE CULTIVAR]  
(por Roberto Juarroz)

Além de cultivar a terra e a memória,  
é preciso cultivar o vazio:  
a prometida carência dos rostos,  
a divisão das metáforas,  
as patéticas denominações de deus,  
todo o lugar onde deixou de haver algo,  
todo o lugar onde deixará de haver algo,  
os pensamentos que alguma vez se pensaram,  
os pensamentos que nunca foram pensados.

E cultivar também preventivamente o vazio  
ali onde se cultiva qualquer outra coisa,  
como a única e taciturna garantia  
de não se desviar da linha.

Cultivar o vazio com as mãos nuas,  
como o agricultor mais primitivo,  
mas também cultivar o vazio com o próprio vazio,  
com a sua última inocência:  
a ignorância de ser.

(in "A árvore derrubada pelos frutos – antologia", trad. Diogo Vaz Pinto / Rui  
Caeiro / Duarte Pereira)

[O MISTÉRIO DA LIBERDADE]  
(por Charles Péguy)

[...]

Assim é o mistério da liberdade do homem, diz Deus,  
E do modo como o governo e à sua liberdade.  
Se lhe dou demasiado apoio, deixa de ser livre.  
Se não lhe dou o apoio suficiente, ponho em perigo a sua salvação:  
Dois bens em certo sentido quase igualmente preciosos.  
Porque a salvação tem um preço infinito.  
Mas que seria uma salvação sem ser livre.  
Como seria qualificada.

Nós queremos que a salvação seja por ele adquirida.  
Por ele mesmo, homem. Que seja procurada por ele mesmo.  
Que venha em certo sentido dele mesmo. Tal é o segredo,  
Tal é o mistério da liberdade do homem.  
Tal é o preço que nós atribuímos à liberdade do homem.  
Porque eu mesmo sou livre, diz Deus, e criei o homem  
[à minha imagem e semelhança.

Tal é o mistério, tal é o segredo, tal é o preço  
De toda a liberdade.  
Essa liberdade dessa criatura é o mais belo reflexo que existe no mundo  
Da Liberdade do Criador. É por isso que a tal atribuímos,  
Que aí colocámos um preço justo.

Uma salvação que não seja livre, que não exista, que não venha  
[de um homem livre nada nos dirá. Que será isso.

Que quererá isso dizer.

Que interesse terá uma salvação assim.

Uma beatitude de escravos, uma salvação de escravos, uma beatitude servil,  
[para que querem que isso me sirva.  
[Alguém gosta de ser amado por escravos.

[...]

(in "Le Mystère des Saints Innocents", trad. Ruy Ventura – manteve-se a ausência de pontos de interrogação, respeitando o original.)

[PRECISO DE ÁGUA]  
(por Ruy Ventura)

[...]

CAMINHANTE:

O peso da lava não permite a elevação dos olhos.  
Esconde a árvore e o seu tronco. Encobre a imagem.  
O fogo parece esconder a flama, a luz e a figura.  
O medo não deixa vibrar as cordas na garganta.  
Impõe silêncio. Forma coágulos. Suspende a circulação.  
Quem poderá curar a nossa ferida, se a rejeitarmos,  
Alastrando a infecção? De onde vem o ácido que  
Nos cega, dissolvendo os ossos? Caímos. No fundo  
Do oceano, a fome e a semente sobrevivem. Viveremos  
Se soubermos navegar e percebermos onde está o alimento.

[...]

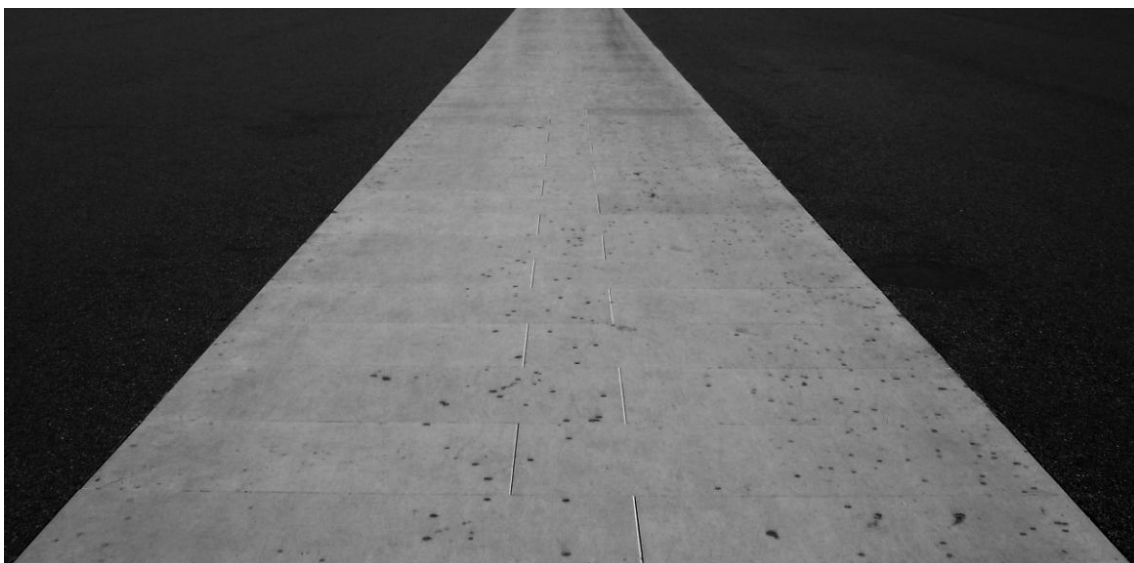
[Transforma-se o caminhante em peregrino.]

PEREGRINO:

Preciso de água – e encontro uma espada. É difícil  
Descobrir o lugar, no coração, uma fonte onde possa  
Beber. Saí, por isso, de casa. Na estrada, as feridas abriram  
O caminho. Nada trouxe comigo – e mesmo assim fui  
Despindo a minha veste. Não houve, contudo, relento  
Nem hipotermia. Não tenho pátria, a não ser entre as mãos  
Unidas. Não passo de uma criança, de um estrangeiro.  
Nada sei do fogo, da sombra, da evidência. A sede não me  
Abandona. Procuro uma clareira, um veio de água onde  
Possa ajoelhar, bebendo entre lágrimas a palavra perdida.

[...]

(in “Outro Caminho [poema dramático]”)



Fotos de Ruy Ventura.